

AÇÕES E INTERAÇÕES EM GRUPOS FOCAIS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DOS DADOS

Rubiane Giovani Fonseca

Universidade Estadual Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo

A discussão sobre a análise dos dados de grupos focais é o objetivo deste ensaio. Procurou-se apresentar algumas indicações para o desenvolvimento da técnica de pesquisa qualitativa e orientações para a coleta e a análise das interações existentes em entrevistas de grupo, considerando que estão relacionados às questões subjetivas, como o tom de voz, a intensidade e a extensão das contribuições dos participantes, assim como os juízos individuais e coletivos sobre os fenômenos em estudo. Sendo assim, a análise dos dados de grupos deve seguir diretrizes distintas das análises de entrevistas individuais, procurando valorizar a subjetividade e as interações sociais, motivadas pelos símbolos da coletividade.

Palavras-chave: Grupos focais. Interatividade. Subjetividade. Pesquisa Qualitativa. Análise dos dados.

Introdução

As diretrizes da abordagem qualitativa de pesquisa estão associadas à interpretação dos aspectos do saber sobre o mundo social e sua significância para o entendimento de fenômenos e seus mecanismos (SNAPE; SPENSER, 2008). Por este motivo, a interpretação de tais aspectos é um processo complexo, que depende de um esquema técnico-conceitual coerente com os objetivos e a proposta metodológica de cada estudo. O presente ensaio visa discutir as possibilidades existentes na análise de entrevistas em grupo, como ferramenta da investigação qualitativa.

A técnica de grupos focais é uma ferramenta para levantar dados que envolvem juízos, avaliações, experiências e representações sobre os fenômenos que fazem parte do mundo social. O seu mote é a interação e a partilha simbólica. Por meio da interatividade existente nos grupos, temos a possibilidade de explorar os posicionamentos pessoais e coletivos para o entendimento do problema em estudo.

Como esclarece Krueger (1994), o grupo amplia nossa sabedoria individual e nossas deficiências, justificando as possibilidades de discussão e a riqueza de informações que indivíduos em grupo podem fornecer para o entendimento de diversos fenômenos. Entretanto, é comum a dúvida sobre como interpretar os dados qualitativos originados de grupos. Grande parte dos estudos não descreve ou menciona a estratégia para a análise das discussões e das interações e, assim, a forma como as categorias são elaboradas fica obscura, com poucas orientações replicáveis.

Segundo alguns autores (RITCHIE, LEWES, 2008; DUGGLEBY, 2005; TWINN, 2000; REED e PAYTON, 1997; KITZINGER, 1994; KRUEGER, 1994), o problema da aná-

lise dos dados de grupos focais é pouco discutido nos estudos que utilizam dessa técnica de coleta, justamente por sua complexidade em relacionar os dados. O que geralmente vemos nos trabalhos são considerações gerais sobre a técnica, seguidas das descrições dos temas gerados, como se o volume de dados fosse homogêneo, sem discutir os processos trilhados para construir o mapa analítico pelo pesquisador. Twinn (2000) ressalta que existe pouco consenso entre os pesquisadores sobre as questões que envolvem a análise. Sendo assim, considera-se de grande importância problematizar a forma como as análises de grupos focais são construídas nas pesquisas qualitativas.

A técnica de grupo focal em pesquisa

O grupo focal tem sido apreciado há mais de 60 anos nas pesquisas em diversas áreas profissionais por ser uma técnica marcada pela interação de diversos saberes, sentimentos, aflições, opiniões e, ainda, perfeitamente adaptável para as diferentes abordagens na pesquisa qualitativa – exploratória, fenomenológica, etnográfica e clínica (DIAS, 2000).

O grupo focal tem sido utilizado para a estruturação de ações diagnósticas e o levantamento de problemas; para o planejamento de atividades educativas; como objeto de promoção em saúde e meio ambiente; e também para a revisão do processo de ensino-aprendizagem (IERVOLINO; PELICIONI, 2001). Essa técnica pode ser usada sozinha ou como fase complementar em pesquisas qualitativas ou quantitativas para aprofundar conhecimentos relacionados ao campo que se quer pesquisar. O objetivo principal dos grupos focais é identificar percepções, sentimentos, atitudes, conhecimentos e ideias sobre determinado assunto, produto ou atividade.

Peres (2006) esclarece que o grupo focal pode ser associado a uma “entrevista” realizada com grupos de pessoas e que segue alguns critérios previamente estabelecidos, conforme seu propósito. A essência do grupo focal consiste em se apoiar nas interações entre os participantes para colher dados a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (CARLINI-COTRIN, 1996). Constituem-se basicamente de entrevistas coletivas em que a teoria, a pesquisa, a pedagogia e a política são eixos convergentes (KAMBERELIS; DIMITRIADIS, 2000). Ou seja, todo indivíduo participa com suas experiências, seus saberes, suas crenças, como cidadãos políticos e históricos no contexto onde vivem.

Segundo Kamberelis e Dimitriadis (2000), Foucault chamava essa estratégia de pesquisa de “aproximação genealógica”, a qual tenta entender como o sujeito (uma pessoa, uma formação social ou uma instituição) tem sido constituído dentro de sistemas de forças e como essas forças produzem uma formação singular. Os autores apresentam dois propósitos do grupo focal, com foco na pesquisa qualitativa: a) capturar respostas das pessoas em espaço e tempo reais no contexto da interação cara a cara; e b) estrategicamente, “focar” entrevistas baseadas em temas gerados na interação cara a cara, que são considerados particularmente importantes para os pesquisadores.

Madriz (2000) argumenta que o grupo focal é uma pesquisa focada na multivocação dos participantes, suas atitudes, crenças e valores. Portanto, a interação de um grupo pode possibilitar o reconhecimento de características do coletivo representado.

Na perspectiva de Krueger (1994), existem seis características dos grupos focais, que não existem em outras espécies de grupos: 1) Pessoas – Os grupos focais envolvem 4 a 12 pessoas e, conforme o número de participantes, muda-se a logística administrativa dos grupos; 2) Reuniões dos grupos em séries – Diz respeito à continuidade e à sistematicidade dos grupos, que deverá ser fortalecida ao longo da pesquisa; 3) Características em comum – Os grupos são compostos por pessoas que são similares umas às outras conforme os propósitos do estudo, porém, não se conhecem; 4) Fornecimento de dados – Produzem dados para os pesquisadores sobre algum fenômeno; 5) De natureza qualitativa – O grupo focal possibilita o

envolvimento dos participantes nas discussões e esclarece ideias sobre o objeto em estudo; 6) Discussões direcionadas a um foco – São voltadas ao aprofundamento de contextos e dos componentes que estão por trás de certas posições e tomadas de decisões.

Com relação às desvantagens desse método, Krueger também cita seis: 1) O pesquisador tem menos controle nas entrevistas em grupo, se comparadas com as entrevistas individuais; 2) Os membros dos grupos podem exercer influência nas discussões, o que é difícil para o pesquisador controlar; 3) Como os dados são recolhidos em grupo, a análise acaba sendo mais difícil de ser categorizada; 4) Os pesquisadores devem ser cuidadosamente treinados para evitar a má condução das discussões em grupo, já que é quase impossível antecipar a reação dos participantes a certas temáticas de discussões; 5) Os grupos podem variar consideravelmente, ou seja, se a pesquisa utilizar mais de um grupo com fatores em comum, pode ocorrer de um apresentar comportamentos diferentes do outro (mais retraído ou extremamente agitado e participativo) e a administração de cada grupo acaba se tornando mais difícil. Por fim, a dificuldade de reunir o grupo pode atrasar a implementação da pesquisa; 6) O fato de a pesquisa ocorrer em um local que é propício para conversas que interferem no comportamento do grupo também se coloca como limitação (KRUEGER, 1994).

Por todos esses motivos, a escolha pelo grupo focal deve-se orientar pela aderência da técnica aos objetivos do estudo e pela relevância dos dados que se pode obter para o problema de pesquisa.

Orientações para o desenvolvimento das entrevistas em grupo

Como qualquer técnica de pesquisa, existem alguns passos que precisam ser sistematizados para a concepção do estudo. É necessário definir quais serão os participantes, suas características e a correspondência com os objetivos definidos previamente. A composição do grupo deve se basear em características homogêneas dos participantes, mas com suficientes variações entre eles para que seja possível estimular discussões. A característica comum pode ser relativa ao gênero, à idade, a condições socioeconômicas, ao tipo de trabalho, ao estado civil, ao lugar de residência, entre outros elementos (GATTI, 2005).

Alguns referenciais como Flick (2004), Minayo (2000), Kamberelis, Dimitriadis (2000) e Krueger (1994) sugerem um grupo de no mínimo 5 e no máximo 15 integrantes. Porém, Gatti (2005) alerta que, para projetos de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de 10 integrantes para que haja maior oportunidade para a participação de todos.

O local para o encontro também exerce influência na captação dos dados e na interação entre os sujeitos. Se não for um local que propicie a discussão, com certeza o estudo ficará comprometido. O número dos grupos e das sessões depende, necessariamente, da homogeneidade e da suficiência das informações obtidas para atingir os objetivos. Se os participantes forem heterogêneos, ter apenas um grupo de participantes não permitirá explorar ou talvez controlar as diferenças existentes nas discussões, e os dados serão insuficientes (KRUEGER, 1994). O número de sessões para cada grupo dependerá da quantidade e do nível de informações obtidas em cada encontro. A quantidade de sessões será considerada suficiente quando o pesquisador julgar que obteve o conjunto de ideias necessárias para a compreensão do problema (GATTI, 2005).

Quanto mais os elementos que compõem o cenário do ambiente de pesquisa indicar confiança e abertura para que os participantes possam se expressar, melhor. Sendo assim, as cadeiras em círculos com a visão de todos os participantes no grupo, assim como a discrição dos equipamentos de gravação, são fatores de muita importância para a composição de um espaço confortável e prazeroso. O uso de equipamentos para a gravação dos encontros deve ser permitido por todos e é imprescindível ter um momento para familiarizar o grupo com os gravadores e com a dinâmica das entrevistas.

Um roteiro de questões pode ser utilizado como ferramenta para conduzir as entrevistas em grupo. Krueger (1994), considerando a natureza interativa das entrevistas focais, sugere algumas questões para a elaboração do roteiro: questões de abertura, questões introdutórias, questões de transição, questões principais e questões de fechamento.

As questões de abertura são aquelas a que todos respondem. São rápidas e não estimulam opiniões, mas, sim, conteúdos mais objetivos, como fatos, datas, locais, nomes, que possam estar vinculados com a temática geral em estudo. As questões introdutórias devem apresentar o tema geral de discussão e permitir que os participantes se conectem com o tópico por lembranças do passado ou sentimentos. As questões de transição guiam a discussão do tópico geral para questões mais profundas, levando os participantes a se conscientizar sobre como os outros pensam sobre o mesmo tema. As questões principais são as que objetivamente guiam o estudo. São as que mais requerem atenção na análise, pois devem responder ao problema que está sendo investigado. Por fim, as questões de fechamento, as quais encaminham as discussões para refletir e concluir sobre o que foi falado nas questões principais, resumizam as falas principais com a ajuda do pesquisador, ou ainda, especificamente, encerram a discussão, resgatando o propósito do estudo e assegurando se ainda existe algo que não foi abordado.

A análise dos dados de grupos focais – alguns caminhos

O uso de grupos focais objetiva explorar e descobrir variações nas percepções de diferentes indivíduos sobre o mesmo fenômeno ou objeto. Por estarem no mesmo ambiente pensando, discutindo e interagindo uns com os outros, as formas de interpretação das informações exigem estratégias que considerem a interatividade como elemento norteador para a identificação das unidades de análise.

Autores como Duggleby (2005), Krueger (1994) e Kitzinger (1994) apontam que a análise precisa ser capaz de captar interferências de membros dominantes nas arguições do grupo, dificuldades para expressar opiniões, sequência e frequência das falas, além de mudanças nas representações dos conteúdos expostos no transcorrer das entrevistas. Em outras palavras, os dados de grupo diferem dos dados obtidos de entrevistas individuais. Em grupo, as informações que os sujeitos manifestam estão vinculadas às trocas com os outros membros. Se os membros são responsivos a certos comentários, ou se existe forte heterogeneidade de juízos nas discussões ou ainda se há pouca interação entre os participantes do estudo, são todos fatores que afetam o conteúdo dos dados das entrevistas focais.

A análise deve possibilitar encontrar as grandes ideias que surgem na interação entre as pessoas e não apenas as respostas para as questões formuladas do estudo. A interação pode assumir a forma de afirmações, discordâncias, complementações de diálogo ou conflitos que surgem no transcorrer das falas dos membros do grupo. Assim, um elemento que deve ser considerado é a diversidade de visões entre os sujeitos, as quais podem ser modificadas ao longo do processo (RITCHIE; SPENCER; O'CONNOR, 2008).

Diante dessas características e desafios, Ritchie, Spencer e O'Connor (2008) apresentam duas propostas para a análise dos dados de grupos focais. A primeira é a *análise do grupo como um todo* e a segunda é a *análise baseada no indivíduo*. Duggleby (2005) acrescenta mais uma proposta de análise, chamada de *análise da interação do grupo*, que procura mapear a integração dos níveis de trocas entre os sujeitos e os significados atribuídos aos temas que emergem nas discussões.

Análise baseada no grupo – Na análise do grupo, os dados são tratados como um todo, sem considerar as contribuições individuais. O grupo é a unidade de análise. O equilíbrio nas contribuições individuais e das interações no grupo é incorporado como notas ou fragmentos, que fazem parte de todo o corpo de dados da análise. Portanto, os gráficos temáticos

deverão estar baseados no que o grupo como um todo apresenta (RITCHIE; SPENCER; O'CONNOR, 2008).

Análise baseada no indivíduo – Esta análise está focada nas contribuições individuais que os participantes apresentam no contexto da discussão do grupo, permitindo que as informações fornecidas por cada participante sejam retidas para a análise. Nesse caso, cada pessoa do grupo é identificada e suas contribuições seguem pela ordem e tipo de fala, ou seja, concordância, discordância, quando intercepta outros membros, ou quando muda de argumentação, entre outras possibilidades construídas individualmente (RITCHIE; SPENCER; O'CONNOR, 2008). Neste tipo de análise, cada gráfico temático localiza um participante e como significa os assuntos investigados.

Análise da interação do grupo – Partindo da interação do grupo, a análise está baseada na coletividade e não nas ideias individuais reportadas. Contudo, o foco está na relação de coprodução de significados entre os membros do grupo. Em outras palavras, a ideia é explorar como a linguagem influencia as representações discutidas no grupo. Por exemplo, se existe algum membro dominante e como ele influencia o grupo; qual a aderência do grupo às questões discutidas, assim como a frequência dos silêncios ou das contribuições acaloradas e como os pontos de vista particulares afetam as discussões. Neste caso, a descrição da dinâmica do grupo é o fator mais importante. A análise das interações do grupo tem o papel de construir um esquema contextual para compreender com maior profundidade as análises dos conteúdos temáticos originados nas entrevistas (DUGGLEBY, 2005).

Em resumo, na análise baseada no grupo, cada fragmento de dados será localizado em cada grupo entrevistado. As contribuições dos participantes serão tomadas como um pedaço de um esquema temático que definirá o grupo, conforme a orientação teórica e paradigmática do pesquisador. Por outro lado, na análise baseada no indivíduo, serão as pessoas, e não apenas as suas contribuições, que serão organizadas no centro do grupo focal. Cada indivíduo será uma matriz diferente para a composição temática da análise. Por fim, na análise das interações, a observação recai em todos os aspectos ligados ao comportamento do grupo, tais como signos não verbais e elementos que podem diferenciar os sentidos das frases para as transcrições do conteúdo das entrevistas.

Para Krueger (1994), os pesquisadores que se utilizam dos grupos focais devem considerar sete fatores para a análise dos dados:

As palavras – O pesquisador deve pensar sobre as palavras escolhidas pelos participantes em suas contribuições e os significados atribuídos a elas. Assim, o pesquisador deverá determinar o grau de similaridade entre as palavras e as respostas utilizadas no contexto das entrevistas.

O contexto – O pesquisador deve identificar o contexto que desencadeia as contribuições dos participantes nas discussões. Ou seja, qual o tipo de informação estimula a contribuição do primeiro participante, o que é falado pelo primeiro que estimula a participação do segundo e assim por diante. Por exemplo, o tom e a intensidade das falas são fatores influenciadores nas participações e devem ser observados.

A frequência ou extensividade dos comentários – Alguns tópicos podem ser discutidos por vários participantes (extensividade) e alguns comentários podem ser realizados com maior frequência do que outros sobre um mesmo assunto (frequência).

A intensidade dos comentários – A intensidade é muitas vezes comunicada pelo tom de voz, pela velocidade da fala e pela ênfase a certas palavras. Sendo assim, é difícil de ser transcrita literalmente e está fortemente atrelada aos sentimentos sobre os tópicos em discussão.

A especificidade das respostas – As respostas baseadas em primeira pessoa, vinculadas às experiências, dão mais peso aos assuntos tratados nos grupos focais do que as respostas impessoais.

Encontrar as grandes ideias – Procurar por grandes ideias, não apenas nas respostas às questões-chave, mas sim ao longo de toda a discussão desenvolvida nas entrevistas focais é fundamental.

Com os sete fatores a serem considerados para as entrevistas e para orientar as análises dos dados de grupos focais, há um arcabouço técnico-metodológico, mais concreto e didático, detalhadamente explorado por Krueger (1994). O planejamento e a preparação do pesquisador sobre como reagir às mudanças de foco nas entrevistas, assim como a expertise para explorar temáticas de forma mais aprofundada e de maneira oportuna, ocorrerão com o planejamento detalhado prévio e o maior número de entrevistas em grupo que puder desenvolver ao longo das experiências acadêmicas.

Um exemplo de análise de dados de grupo focal aplicado ao estudo da formação profissional na Educação Física

No ano de 2010, foi realizado um estudo qualitativo com o uso da técnica de grupos focais, com o objetivo de analisar a relação do conhecimento profissional com a identidade social da Educação Física na perspectiva de estudantes egressos do curso de formação. Realizamos entrevistas com dois grupos focais, um com oito e outro com cinco participantes, totalizando cinco encontros. Todas as entrevistas foram transcritas, gerando o total de 97 páginas de dados, além das anotações do processo de coleta e do diário de campo, utilizado logo após cada entrevista¹.

Para este estudo, escolheu-se a análise individual (RITCHIE; SPENCER; O'CONNOR, 2008), a fim de observar como os estudantes entendem os conteúdos de ensino e o processo de formação profissional em Educação Física, levando em consideração a interatividade entre os participantes e a exposição de suas ideias sobre os temas das entrevistas.

Em geral, no início do processo analítico, os dados são uma massa de informações brutas. A primeira fase de tratamento dos dados é a redução dessa forma bruta em formas sistematizadas de informação, buscando facilitar o manuseio dos dados. Esse processo caracteriza-se, geralmente, pela transcrição das falas, organização dos documentos e das anotações das observações.

As transcrições foram organizadas na sequência de fala do participante, cada qual com um código de identificação e ordenamento, conforme cada contribuição. Este tipo de transcrição deixa em evidência o processo de envolvimento, debate, mudança de ideias em cada período da entrevista, além de atribuir maior peso contextual ao que é falado no grupo (REED; PAYTON; 1997). No quadro a seguir, há um exemplo da organização dos dados.

¹ O estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (COPEP), parecer nº 239/2009.

Quadro 1 – Trecho das intervenções dos sujeitos participantes da pesquisa

ENCONTRO 1		
SEQUÊNCIA INTERVENÇÕES	IDEIAS E CONTEXTOS DAS INTERVENÇÕES	TÓPICOS GERADOS
R	O que vocês pensam sobre cursar Educação Física?	Representações sobre o curso de Educação Física
P6	Ah. Curso dinâmico	Curso dinâmico
P6	Oferece várias opções já na graduação	Variedade de opções
P7	Muitas opções no curso. Projetos, tem, assim, uma variedade bem ampla de opções pra tá se envolvendo no meio acadêmico. Acho que quem procura a área de esporte tem coisa; quem procura a área de saúde tem outra coisa.	Projetos e cursos no meio acadêmico Especificidades da área
P3	Muita influência dos meus pais porque ambos também cursaram Educação Física..[...] Eu sempre via assim com meus pais [...] não é só, tipo tem academia sabe, escolas, e dentro desses também você pode nisso ir longe. [...] Eu sempre tive a influência deles [...].	Influência dos pais para cursar educação física Curso não restrito a academias e escolas
P5	Eu acho que é um curso bem prático né, porque, não sei se você vê, é, um curso que, é, a pessoa vai lá pra piscina, nadar, jogar bola. Tem a parte teórica também que não pode deixar de lado, pode se porque a gente acha difícil, é difícil. E, só que eu acho um curso bem prático, bem legal.	Curso prático

Fonte: Elaborado pelos autores, 2010.

Ao organizar os dados em sequência de contribuições, cada uma identificada pelo código dos participantes, foi realizada a leitura do material em busca de termos que apareciam com maior frequência e que apresentavam algum tipo de descrição, qualificação ou introdução de novas ideias. Esta fase levou em consideração três elementos: (1) a profundidade ou extensão dos tópicos gerados no grupo e entre membros (KRUEGER, 1994, p. 150; TWINN, 2000, p. 143); (2) a sequência de transcrição, ou seja, a sequência de aparecimento de ideias entre os membros e o seu poder (frequência) para cada participante (REED; PAYTON; 1997, p. 768); (3) o contexto de respostas (exemplos baseados em experiências) relacionado ao estímulo (questões de pesquisa) e à interação com outros membros (KRUEGER, 1994, p. 149).

Após a organização dos dados pelos critérios estipulados acima, caminhou-se para a fase de nomeação dos blocos de dados, por meio da identificação de padrões de significação que emergiam relacionados ao quadro teórico do estudo. Nessa fase, foram estabelecidas algumas categorias identificadas por natureza, dimensão e classificação dos tópicos analisados.

Por exemplo: P6 fala que o curso oferece várias opções e P7 continua descrevendo que essas opções são cursos, projetos na área do esporte e saúde. Dessa forma, com relação ao conteúdo, essas intervenções referem-se aos itens que caracterizam o curso que estão vivenciando. Entretanto, o fato de um participante completar a fala que o outro iniciou representa algum tipo de consenso que precisa ser explorado. Assim, começamos a construir uma categoria de análise, agregando informações dos indivíduos e da dinâmica do grupo.

Passamos, então, para a fase exploratória, a qual se refere à “exploração” das categorias construídas, de forma a identificar padrões que possam ser relacionados e aplicados aos problemas de interesse do pesquisador (Figura 1) e à teoria que fundamenta o estudo (RITCHIE; SPENCER; O’CONNOR, 2008).

Figura 1 – Fases para análise dos dados



Fonte: Elaborado pelos autores, 2010.

Em outras palavras, os tópicos de análise gerados dos dados brutos serão identificados e relacionados conforme a similaridade de sentidos expressos por cada participante no estudo. Tais núcleos de sentido serão nomeados como categorias. Cada núcleo representará, portanto, um grupo semântico de informações, explicadas pelo referencial teórico utilizado, mas também pelas interações no centro do próprio grupo investigado.

Considerações finais sobre a análise dos dados de grupos focais

Problematizar a análise de dados obtidos em grupos é algo que ainda precisa ser mais explorado nos estudos de natureza qualitativa. Os autores que apresentam os caminhos para incorporar as interações entre os membros dos grupos focais sugerem que as diferentes técnicas para a análise das entrevistas devem aproximar os cenários coletivos das representações individuais. Tal aproximação pode explicar nuances dos fenômenos em estudo, muitas vezes ofuscados por técnicas de análise que generalizam as contribuições dos participantes em grandes temas sem considerar a subjetividade das trocas sociais.

Em parte, a escassez de descrições sobre os passos trilhados para a análise de dados em entrevistas, especialmente as entrevistas em grupo, pode estar vinculada ao momento da divulgação científica. Os estudos qualitativos, geralmente, caracterizam-se por extensivas descrições e muitas vezes os elementos procedimentais dos estudos são reduzidos para favorecer o espaço da discussão e da argumentação dos dados gerados. Sendo assim, a reprodutibilidade dos processos metodológicos por outros pesquisadores fica comprometida. Em muitos casos, os procedimentos ficam subentendidos apenas pela menção de alguma técnica de análise.

Entretanto, a redução e a vulgarização de certas práticas de pesquisas podem nos levar a cair na armadilha da generalização. No caso das análises de grupo, a interação é o fenômeno central para a construção do esquema analítico. Diferente das entrevistas individuais, as expressões utilizadas pelos participantes no estudo e seus significados muitas vezes são elaborados para serem compartilhados e assimilados pelo grupo, considerando a existência de juízos individuais, mas também os coletivos. Sendo assim, é fundamental considerar a coerência interna entre as técnicas para a coleta e a análise dos dados qualitativos.

As interações, a intensidade ou especificidade das contribuições, as informações não verbais, assim como o tom de voz e as palavras, são alguns elementos que fazem parte das

trocas entre as pessoas e, de fato, são elementos que devem estar incorporados em todo o processo analítico de um fenômeno por uma coletividade.

SHARES AND INTERACTIONS IN FOCUS GROUPS – SOME CONSIDERATIONS ON DATA ANALYSIS

Abstract

The discussion about the analysis of data from focus groups is the aim of this essay. It tried to present some indications to the development of qualitative research technique and guidelines for the collection and analysis of the interactions in group interviews, considering that they are related to subjective questions, such as tone of voice, the intensity and extent of the contributions of the participants, as well as individual and collective judgments about the phenomena in study. Thus, the analysis of the data groups must follow different guidelines of the analysis of individual interviews, looking for valuing subjectivity and social interactions, motivated by the collective symbols.

Keywords: Focus Groups. Interactivity. Subjectivity. Qualitative Research. Data Analysis.

ACCIONES E INTERACCIONES EN GRUPOS FOCALES - ALGUNAS APRECIACIONES SOBRE EL ANÁLISIS DE DATOS

Resumen

El objetivo de este ensayo es establecer discusiones sobre el análisis de datos de grupos focales. Se busca presentar algunas indicaciones para el desarrollo de la técnica de investigación cualitativa y directrices para la recopilación y el análisis de las interacciones en las entrevistas de grupos, teniendo en cuenta que están relacionadas con preguntas subjetivas, como el tono de la voz, la intensidad y el alcance de las contribuciones de los participantes, así como los juicios individuales y colectivos sobre los fenómenos en estudio. Por lo tanto, el análisis de datos de grupos debe seguir orientaciones de análisis que difieren del análisis de entrevistas individuales, buscando valorar la subjetividad y las interacciones sociales, motivadas por los símbolos de la colectividad.

Palabras clave: Grupos Focales. Interactividad. Subjetividad. Investigación Cualitativa. Análisis de los Datos.

Referências

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa de grupo focal em investigações sobre o abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo (SP), v.30, n.3, p. 285-93, 1996.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa (PB), v. 10, n. 2, 2000.

DUGGLEBY, W. What about focus group interaction data. **Qualitative Health Research**, v.15 n. 6, jul. 832-840, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, R. G. **Dimensões do conhecimento profissional na perspectiva de estudantes de Educação Física**. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, 2010.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

IERVOLINO, S. A; PELICIONI, M. C. F.; A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo (SP), v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001.

KAMBERELIS, G; DIMITRIADIS, G. Focus Groups: Strategic articulations of pedagogy, politics and inquiry. In: **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 2 ed. Thousand Oaks, California: Sage, 2000, p. 887- 907.

KITZINGER, J. The methodology of focus groups: the importance of interaction between research participants. **Sociology of Health & Illness**, Cambridge (USA), v. 16, n. 1, 1994.

KRUEGER, R. **Focus groups: a practical guide for applied research**. 2. ed. Londres: Sage, 1994.

MADRIZ, E. Focus groups in feminist research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y., **Handbook of qualitative research**. 2 ed. Thousand Oaks, California: Sage, 2000, p. 235-250.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

PERES, C. M. **Atividades extracurriculares: percepções e vivências durante a formação médica**. 2006, 235 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto (SP), 2006.

REED, J.; PAYTON, V. R. Focus groups: issues of analysis and interpretation. **Journal of Advanced Nursing**, v. 26, p. 765-771, 1997.

RITCHIE, J. SPENCER, L. O`CONNOR, W. Carrying out qualitative analysis. In: RITCHIE, J.; LEWES, J. **Qualitative research practice**. California: SAGE, 2008, p. 219-262.

SNAPE, D.; SPENCER, L. The foundations of qualitative research. In: RITCHIE, J.; LEWES, J. **Qualitative research practice**. California: SAGE, 2008. p. 1-23.

TWINN,S. The analysis of focus group data. **Nursing Times Research**, v. 5, n. 2, 2000.

Recebido em: 22/04/2016
 Revisado em: 11/07/2016
 Aprovado em: 01/09/2016

Endereço para correspondência:
 rubianegf@hotmail.com
 Rubiane Giovani Fonseca
 Universidade Estadual Paulista
 Rua Quirino de Andrade, 215
 Bairro: Centro, 01049-010 - São Paulo, SP